



15º ENCONTRO CORAL da ASA

SEMPRE ÀS 17 HORAS, NO AUDITÓRIO

ENTRADA FRANCA

4 DE JULHO, DOMINGO

Coral da ASA (Regente Claudia Alvarenga)
Coral Juvenil do Centro Educacional de Niterói
 (Regente Luiz Carlos F. Peçanha)

Coral Ahavá/ARI (Regente Regina Lacerda -
 Direção André Nudelman e Oren Boljover)

Coro da Ladeira (Regente André Protasio)

18 DE JULHO, DOMINGO

Coro do Conservatório de Música de Niterói
 (Regente Lincoln Castro)

Coral Avareté (Regente Joaquim Assis)
Coral Kol Hanesamá (Regente David Alhadef)

Coral da ASA (Regente Claudia Alvarenga)

Estacionamento (pago) no local
 Estação Botafogo, saída São Clemente, direção Humaitá

E MAIS...

2

EDITORIAL

Sinais de alerta

3

NEGROS E JUDEUS

A lição de Procópio
 JOEL RUFINO DOS
 SANTOS

4

EINSTEIN

Descascando o mito
 DOROTY ZELLNER,
Jewish Currents

8

BECO DA MÃE

Os cafés de
 Viena
 HENRIQUE
 VELTMAN



9

A FOTO, A HISTÓRIA

O beijo da
 esperança
 RENATO MAYER

10

HUNGRIA / ÁUSTRIA

A ameaça
 da extrema-direita
 HELIETE VAITSMAN



11

NOTAS

O sequestro do sionismo humanista

Esther Kuperman

Páginas 6 e 7

EDITORIAL

Sinais de alerta

Participamos em junho, a convite do Centro Cultural Mordechai Anilevitch, de um debate sobre a mídia judaica no Rio de Janeiro. O Boletim **ASA** foi a única publicação institucional impressa convidada. Em tres mesas, estiveram representados informativos virtuais e impressos, num amplo painel sobre a circulação de notícias e opiniões voltadas para a comunidade judaica.

Chamou atenção a pouca presença de público. Mesmo com ampla divulgação, houve escassos ouvintes para um tema cuja importância dispensa comentários. Isto levanta duas questões vitais: onde nasce a ruptura entre o que oferecem as instituições judaicas e o seu público-alvo, os judeus? E por que os jovens, mesmo aqueles que estudam ou estudaram em escolas judaicas, estão desinteressados de debater assuntos que, ao menos em tese, deveriam atraí-los?

Se as respostas fossem fáceis, estaria aberto o caminho para uma comunidade vibrante, ativa, plural, informada. Exceto em determinados nichos, não é o que se vê por aí. O nível de desinformação sobre cultura judaica, por exemplo, chega a ser, em alguns casos, alarmante. Não faz muito tempo, foi lançada uma coletânea de textos de um dos mais famosos escritores judeus, que dá nome a uma escola judaica de nossa cidade. O responsável pelo livro revelou que, dando uma palestra sobre o escritor nessa escola, percebeu, constrangido, que os alunos não tinham a menor ideia de quem se tratava.

Não se pode gostar daquilo que não se conhece. Sem gostar, não há identidade. Sem identidade, os espaços coletivos se tornam supérfluos. Talvez um bom primeiro passo para se criar/ampliar um público leitor para a mídia judaica seja contar melhor a história dos judeus no Rio, uma história rica de significados. Esta, entretanto, não é uma tarefa que se esgota nos bancos escolares, para onde se costuma empurrar a responsabilidade. Ela passa pelas famílias e pelo trabalho de líderes comunitários, muitas vezes mais preocupados com afirmação social (desprezando as raízes) ou construção de laços políticos que levam apenas a benefícios pessoais.

Que ninguém se iluda. Ignorar esses sinais de alerta só agravará o esvaziamento já em curso. ■

ERRATA: No artigo "Auschwitz, 65 anos depois" (**ASA** 124), o nome do comandante em chefe de Auschwitz é Rudolf Hoss, conforme escreveu a autora, Suzana Schild, e não Hess, como saiu publicado.

Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação

Rua São Clemente, 155 - Botafogo
Rio de Janeiro - RJ - CEP 22.260-001
Tel:(21)2535-1808 Telefax:(21)2539-7740
Home page: www.asa.org.br e-mail: asa@asa.org.br

Presidente Mauro Band
Vice-presidentes Horácio Itkis Schechter e Gitel Bucaresky
Secretárias Tania Mittelman e Rosa Goldfarb
Tesoureiros Moisés Ghersgorn e Fany Haus Martins
Diretores Jacques Gruman, Clara Goldfarb,
Marcos David Somberg, Fanny Cytryn e Esther Kuperman



ASA JUDAÍSMO E PROGRESSISMO é o órgão informativo e de divulgação cultural bimestral da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação.

Home page: www.asa.org.br
e-mail: asa@asa.org.br

Editora e Jornalista Responsável

Sara Markus Gruman - (Reg. Prof. nº 12.713)

Colaboradores do Boletim: David Somberg, Esther Kuperman, Fany Sechter Ruah, Heliete Vaitsman, Henrique Veltman, Jacques Gruman, Renato Mayer e Tania Mittelman

Fotos de capa: Peter Altenberg em *papier-mâché* no Café Central e o símbolo do partido de extrema-direita da Hungria

Programação Visual: Hama Editora

Impressão: Grafitto

Tiragem: 2.200 exemplares

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam necessariamente os pontos de vista da Diretoria da ASA. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desde que citada a fonte.

NA ASA

Coreógrafo Rafael Barreto de Castro



Estes dançam



Regente Claudia Alvarenga

Estes cantam

DANÇA ISRAELI - Toda terça, às 18h30
CÍRCULO DE LEITURA EM PORTUGUÊS -
Quinzenalmente, terças, às 15h30
CORAL DA ASA - Ensaios toda quarta, às 20h
AULAS DE ÍDISH - Toda quinta, das 19 às 20 horas,
com Moisés Garfinkel

Estacionamento no local (pago) Saída S. Clemente da Estação Botafogo (sentido Humaitá)

A lição de Procópio

Joel Rufino dos Santos / Especial para ASA

James Baldwin, o autor de *Go Down, Moses*, apontou, mais de uma vez, a identificação entre o povo judeu antigo e o povo negro moderno – criada, entre outros fatos, pelos *spirituals* e a *Bíblia*. Os sofrendores dos campos de algodão na América se sentiam hebreus na dor e na alegria.

Essa apropriação da experiência histórica de um povo por outro é relativamente comum. A própria formação das nações modernas europeias dependeu dessa apropriação, que precisa apenas de algumas similitudes.

Os pastores brancos norte-americanos só queriam tornar os negros bons cristãos. Liam para eles, faziam-nos decorar passagens do livro sagrado. O que não pretendiam aconteceu: os negros se sentiram hebreus. Escravizados, exilados, sempre à espera da redenção por meio de um salvador.

Nos anos 1950, nas igrejas batistas suburbanas do Rio – fundadas, em geral, por missionários americanos –, *spirituals* faziam parte do repertório dos coros, vertidos para o português, em geral; aqui e ali na própria língua balouçante do Mississipi. A muitos negros velhos, como meus avós, os *spirituals* serviram de consolo à sua vida difícil, sem nada.

Em 1964, exilado no Chile, o disco que eu mais gostava de ouvir era o *Louis and the Good Book*, Armstrong e coro. “*Lord, I want to be a Christian, on a my heart*” (sic), Senhor, eu quero ser um cristão, “*Ezekiel saw the Wheel*”, Ezequiel viu a Roda, “*Jonah and the whale*”, Jonas e a baleia...

O mundo moderno, entre o Renascimento e a Grande Guerra, foi construído por negros e judeus. A produção e o comércio que serviram de base à civilização ocidental foram obra quase exclusiva desses povos. A mão do negro africano e seus descendentes

ficou por isso em toda parte – na rua, na casa, no rio, na floresta, na praia, na cozinha, no quarto, na mina, na fábrica, no curral, na igreja... A do judeu, a começar pela civilização ibérica, ficou em tudo que circula, acumula, empreende – o banco, o armazém, a casa exportadora, o barco, a tropa de burro, a feira...

Tem lógica, portanto, que negros e judeus tenham sido os grandes malditos dessa civilização, que ela os recalcesse, vendo neles o outro que não suportava em si mesma. Na fantasia ocidental, o

**Por isso o
antinegro é sempre
um antissemita, e
vice-versa.**

negro tem a chave do sexo (ou da arte, se preferimos), o judeu, a do dinheiro (ou do empreendimento). São fantasias comunicantes, por isso o antinegro é sempre um antissemita, e vice-versa.

Negros e judeus foram forçados ao êxodo, à diáspora, à violência extrema e ao preconceito institucionalizado. No Rio, judeus encontraram negros na Baixada Fluminense, na Zona Oeste, na Linha Auxiliar e, com destaque, na Cidade Nova. O local, chamado no início do século 20 *pequena África*, agora exhibia sinagogas, armazéns e açougues casher, mercearias, alfaiatarias, pensões em que se falava ídish.

Quando menino, só conheci judeus do Velho Testamento. Me impressionava, principalmente, Miriam, que dançava de alegria – e minha mãe, seguindo o preceito protestante radical, nos proibia de dançar, era coisa do mundo.

Me impressionava também o “judeu da prestação”, sob sol e chuva, fazendo

mistério do sabãozinho de seus pais, mortos pelo nazismo.

Transformei essa experiência de menino em uma novela juvenil, *O barbeiro e o judeu da prestação contra o sargento da motocicleta*. Recebeu o Prêmio Jabuti 2008, talvez pela compaixão que brota de suas páginas. Um menino negro do morro, Albino, se faz amigo e cúmplice de Isaque, que volta todo mês em sua ronda de mascate. Albino o defende do preconceito e maldade dos outros. Isaque diz ter um sabãozinho das cinzas de seus pais. Entram em cena um barbeiro trotskista, um sargento da polícia especial da ditadura (a história se passa no final da Segunda Guerra, sob o Estado Novo). Há uma mulher negociada por dois homens, um embrulho de jornal misterioso. Em breve a ditadura seria desmontada. Época de esperança na paz mundial e partilha da Palestina entre judeus e não judeus. Ninguém sofreria mais por pertencer a “raças” diferentes, ter religião diferente, sentir ou pensar diferente. Não conto o desfecho.

Tive um amigo que se criara na Praça Onze, entre imigrantes judeus, um ator estupendo, Procópio Mariano, já falecido. Procópio andava atrás de uma fórmula de ascensão social dos negros. Via, desde criança, parentes e vizinhos derrotados. Mesmo o teatro, o cinema e a televisão, limitando os papéis de negros a empregadas, choferes e policiais, não o levariam à estabilidade profissional.

Só há uma fórmula, me disse certo dia: “O negro tem de ser como o judeu: inteligente, solidário um com o outro. E comerciar, comerciar, comerciar.” E saiu balançando o seu corpo de soba, com uma maleta de roupas usadas. ■

Joel Rufino dos Santos é escritor e historiador.

Descascando o mito

Dorothy Zellner, *Jewish Currents*

Embora eu tenha sido boa aluna no segundo grau, quase repeti em Química. Fico espantada quando aciono o interruptor e a luz acende. Portanto, sou incapaz de dizer sequer uma palavra sobre as imensas contribuições científicas de Albert Einstein. Mas, graças ao estudo em três volumes feito por Fred Jerome, agora sei muito mais a respeito de Einstein, o homem. Em vez do gênio excêntrico de cabelos ondulados como geralmente retratado, Einstein nadava contra a corrente firmemente e com princípios.

A trilogia salvou Einstein dos mitos que o definiram durante gerações e restaurou a sua persona política e social multifacetada. Mas a construção de mitos na nossa cultura é central e, acredito, reforçada mais pelo que vemos (filmes e TV) do que pelo que lemos. Por exemplo, muita gente vê hoje a Reconstrução [período da História dos Estados Unidos entre 1865 e 1877] como um desastre (*O nascimento de uma nação*) e acredita realmente que alguns escravos, como Mammy, na fazenda Tara (*E o vento levou*), eram felizes.

Algumas das grandes figuras da nossa História se tornaram sombras do que de fato foram, como Martin Luther King e o próprio Einstein, quando mostra a língua naquela foto famosa.

Fred começou a ressuscitar o Einstein político com o primeiro livro de sua trilogia, *The Einstein File* [O arquivo Einstein], que conta a história de J. Edgar Hoover e a perseguição a Einstein movida pelo FBI. O arquivo de 1800 páginas do FBI mostra que, do momento em que Einstein desembarcou nestas terras, em 1933, até a sua morte, em 1955, Hoover instruiu o FBI no sentido de abrir a correspondência do grande cientista e de monitorar o seu telefone, procurou retratá-lo como espião soviético e tentou



Reprodução

Encontro na Universidade de Princeton (21.9.1947): Einstein com o vice-presidente Henry Wallace à esq. e o cantor negro Paul Robson

até retirar a sua cidadania americana e deportá-lo! Hoover perseguiu assiduamente todos os indícios – não importando quão distantes estivessem dos fatos – que pudessem prejudicar Einstein.

A atividade de Einstein não se restringiu à área científica. Ele defendeu os voluntários que foram lutar na Espanha pela causa legalista na Guerra Civil de 1936-39; levantou sua voz contra a histeria anticomunista que varreu os Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial; fez amizade e apoiou o grande historiador afro-americano e líder do NAACP [National Association for the Advancement of Colored People], W.E.B. Du Bois, que foi preso aos 83 anos de idade e acusado de ser “agente estrangeiro”.

A maioria de nós tem dificuldade de visualizar um Einstein que conclamava à resistência – inclusive contra a prisão perpétua – aos inquéritos efetuados pelo Congresso durante o macarthismo. O seu ponto de vista aparece na primeira página do *New York Times* de 12 de junho de 1952, sob o título “Recusem-se a depor”. Einstein escreveu:

“Políticos reacionários vêm incutindo no público suspeitas sobre todo esforço intelectual e têm sido bem sucedidos. Agora, estão começando a suprimir a

liberdade de ensino e a retirar de suas posições todos aqueles que não se submetem, isto é, estão passando a matá-los de fome. O que deveria fazer a minoria de intelectuais contra este mal? Francamente, eu só vejo o caminho revolucionário da não cooperação, como defendido por Gandhi. Todo intelectual convocado aos comitês deveria recusar-se a depor, ou seja, precisa estar preparado para a cadeia e a ruína econômica, em resumo, para o sacrifício de seu bem-estar pessoal pelo bem-estar da cultura deste país... Se houver gente suficiente com disposição para dar este passo, serão bem sucedidos. Se não, os intelectuais não merecem nada melhor do que a escravidão que lhes querem impor.”

Está virtualmente eliminado da persona de Einstein o seu consistente antirracismo. Já em 1931, quando ainda vivia na Alemanha pré-Hitler, Einstein se correspondia com W.E.B. DuBois, editor de *The Crisis* [revista da NAACP], e escrevia declarações de apoio à luta da comunidade afro-americana pela igualdade. Depois de fugir da Alemanha e se tornar residente e cidadão dos EUA, ele dizia, com frequência, que o racismo era o flagelo americano. Numa mensagem à convenção nacional da Urban League [organização voltada para a defesa dos

direitos civis], em setembro de 1946, ele disse que “a pior doença da sociedade de nossa nação é, na minha opinião, o tratamento dado ao negro”.

Einstein participou abertamente da luta pelos direitos civis. Discursou na Universidade Lincoln, instituição afro-americana relativamente desconhecida; convidou [o contralto] Marian Anderson a se hospedar na sua casa quando ela foi barrada pelo Nassau Inn, hotel segregacionista de Princeton, Nova Jersey; chamou atenção para a luta contra os linchamentos e apoiou diversas organizações de defesa dos direitos civis.

O que talvez fale mais alto sobre as suas atitudes em relação a raça e classe social é o fato de ter cultivado amigos entre os moradores simples da comunidade afro-americana de Princeton, que viviam segregados à beira da grande universidade. Eric Craig, residente na comunidade, recorda-se afetuosamente de Einstein:

“Simplesmente não havia racismo nele. Eu imaginava que ele devia ter testemunhado um ódio racial tão terrível contra os judeus na Alemanha que o tornou mais consciente do que a maioria dos brancos em Princeton. Nós, realmente, ficávamos excitados quando o víamos, porque nossos pais nos diziam que ele era uma pessoa muito famosa. Ele descia a Rua Witherspoon (a principal do bairro afro-americano de Princeton) quase todos os dias – nós, crianças, saíamos correndo –, lá pelos anos 1942, 43, 44. Eu me lembro de seus cabelos compridos.”

Em *Einstein on Israel and Zionism* [Einstein a respeito de Israel e do sionismo], basicamente uma coleção de citações, Fred descascou a última camada

da mitologia de Einstein. Mesmo aqueles que aceitam ou até se orgulham do seu antirracismo e de sua coragem durante a era McCarthy (uma vez informados sobre o assunto) podem ter dificuldade para aceitar o fato de que ele não foi um simpatizante ardoroso de Israel. Não admira: no dia seguinte ao de sua morte, em abril de 1955, a imprensa o enquadrava como o “campeão” da criação do Estado de Israel (*New York Times*) e “firme partidário do jovem Estado de Israel” (*New York World Telegram*). No entanto, as francas posições de Einstein a respeito de Israel, algumas cobertas por esses mesmos jornais, contam uma história diferente.

Einstein se sentia apaixonadamente parte do povo judeu e em geral, não sempre, definia-se como sionista. Quando o fazia, esclarecia que era um sionista cultural, como [o escritor e filósofo] Martin Buber e Judah Magnes [rabino reformista americano, um dos fundadores da Universidade Hebraica de Jerusalém], que acreditavam no florescimento da cultura judaica na Palestina. Mas, diferentemente dos sionistas territorialistas, era favorável a uma solução binacional que garantisse direitos a árabes e judeus. E fez muitas declarações neste sentido, sendo talvez a mais vigorosa dez anos antes do estabelecimento do Estado de Israel.

Em seu depoimento ante a Comissão de Inquérito Anglo-Americana sobre a Palestina, em 11 de janeiro de 1946, Einstein criticou amargamente o Mandato Britânico:

“As dificuldades entre judeus e árabes foram criadas artificialmente, e pelos ingleses.”

No mesmo depoimento, ele obser-

vou que “não consigo entender por que é necessário um Estado”. Um ano depois, Einstein escreveu:

“Nunca fui a favor de um Estado judeu na Palestina, mas de um Estado binacional sob estrito controle das Nações Unidas, enquanto lá prevalecerem os antagonismos nacionais.”

Além de binacionalista, Einstein criticava severamente a extrema-direita israelense. Seis meses após a fundação do Estado de Israel, assinou, junto com [a filósofa] Hannah Arendt, o rabino Jessurun Cardozo, Sidney Hook [filósofo] e outros 24 judeus de renome, uma carta ao *New York Times* (4 de dezembro de 1948), escandalizada, protestando contra a visita de Menahem Béguin, cujo partido de direita, Tnuat HaHerut, dizia o texto, “por sua organização, método, filosofia política e apelo social, tem afinidade com os partidos nazista e fascista...”.

Qual era a posição de Einstein em relação a Israel, uma vez estabelecido o Estado? Em setembro de 1948, ele escreveu:

“Nunca pensei que o Estado fosse uma boa ideia. Mas, agora, não tem volta, e a situação precisa ser sustentada ...”

Um mês antes de morrer, escreveu:

“Tínhamos grandes esperanças em relação a Israel, no início. Pensávamos que poderia ser melhor do que outras nações, mas não é.”

Os únicos bens que Einstein possuía eram seu nome e sua reputação científica. Poderia tê-los usado para se promover e se proteger, mas preferiu se expor na linha de fogo em várias questões controvertidas do século 20. ■

Tradução de S.M.G.

MARTINS ASSOCIADOS -Advocacia Trabalhista e Societária

Rua Senador Dantas, 20 Gr. 1509 - Centro - Telefone: 2240-9808

Rosana Yentas - Psicoterapia / Orientação Profissional

Consultórios: Botafogo e Tijuca - Cel.: 9956-5466

Helena Kaplan - Psicoterapia e Psiquiatria

Consultório: Rua Barata Ribeiro, 383 / 405 - Copacabana - Telefone: 2255-7491

Mauro Acelrad - Psiquiatria Clínica

Rua Joana Angélica, 217 – Ipanema
Telefones: 2522-1794/ 2523-3852 - E-mail: acsel@globo.com

Anna e Heloisa Araujo Eventos
Cerimonial e Logística - Bufê próprio

Telefones: 2553-7013/2552-6929/8829-6929 - E-mail: heloisa.ams@oi.com.br

Um sequestro

Esther Kuperman *

O surgimento do sionismo, em fins do século 19, coincidiu com o contexto de fortalecimento dos movimentos nacionalistas na Europa. Também entendido como nacionalismo judaico, o sionismo foi fruto da conjuntura em que os povos europeus reafirmavam suas identidades e do crescimento da intolerância étnica ou religiosa sobre grupos sociais que, como os judeus, insistiam em manter suas especificidades culturais, mesmo em Estados nacionais onde predominavam grupos étnicos homogêneos.

As correntes filiadas ao pensamento sionista desde sua origem não eram homogêneas e exprimiam as diferenças decorrentes de divisões sociais. Ia-se do sionismo marxista, representado por Ber Borochov – para quem a existência do Estado de Israel seria consequência da luta de classes – até o sionismo revisionista, cujo principal líder, Zeev Jabotinsky, possuía concepções acerca da questão nacional judaica muito próximas ao fascismo.

Duas questões são importantes para a discussão sobre o papel e o lugar do sionismo hoje. A primeira considera as transformações que o sionismo sofreu ao longo da segunda metade do século 20; a segunda, a relação entre os diversos sionismos e as várias concepções acerca do conflito entre israelenses e palestinos. Na verdade, estas duas questões estão entrelaçadas, pois é de cada uma das concepções acerca da natureza e do destino do Estado de Israel que emanam as diferentes propostas e formas de enfrentar o conflito.

Nacionalismo judaico ou ideologia nacional israelense?

A ideologia nacional diz respeito à lealdade política de cada indivíduo ao seu Estado nacional, comportamento experimentado cotidianamente. Mas, em momentos de crise, esta mesma ideologia nacional adquire forma exacerbada, o que a torna excludente e que entendemos como nacionalismo.

A ideia da construção de um Estado

capaz de abrigar os judeus e lhes conceder uma cidadania de acordo com os padrões contemporâneos não surgiu espontaneamente; foi desencadeada pela marginalização dos judeus nos países em que se encontravam. Sentimento ainda difuso no início do século 20, o nacionalismo judaico se consolidou nos momentos em que o impedimento à participação dos judeus na vida pública se ampliava, cedendo lugar a ataques diretos, que ameaçavam a existência física dos judeus e culminaram no Holocausto.

O sionismo foi responsável pela formulação de uma identidade nacional israelense.

Ao invés de erradicar os vínculos dos judeus com suas tradições culturais e religiosas, o Holocausto constituiu fator de fortalecimento destas relações, colaborando também para o crescimento de um projeto nacional judaico. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, os judeus sobreviventes ao Holocausto encontravam-se fortemente imbuídos de sua especificidade cultural e, principalmente, de sua característica nacional. Portanto, a convergência destes dois fatores – uma ideologia nacional judaica transformada em nacionalismo e o Holocausto – tornou possíveis articulações e pressões no sentido de que fosse criado o Estado de Israel. Assim, o sionismo depois da guerra ainda se caracterizava como ideário de afirmação da nacionalidade judaica, apontando para a necessidade da construção de um lar para os judeus de todo o mundo.

Antes mesmo do Holocausto já havia migração de judeus para a região onde Israel se situa. Mas era constituída, predominantemente, por judeus de tendência socialista, que viam nos kibutzim uma

forma de edificar uma sociedade igualitária. Com o fim da guerra, os ideais políticos dos imigrantes se tornaram mais heterogêneos, pois, em sua maioria, os judeus rumavam para a nova pátria com o objetivo de construir ali um novo lar, independente da sua configuração econômica e política. Mesmo neste período, o campo político conservador, constituído pelos seguidores de Jabotinsky – o Irgun e o Stern –, ainda era minoritário. Tais fatores colaboraram para definir os espaços de cada grupo no novo Estado, mas a Guerra Fria foi fundamental para definir o peso de cada um dos campos e garantir a hegemonia dos grupos mais identificados com o pensamento capitalista.

Em seus primeiros anos, o novo Estado ainda se apresentava como um projeto em construção. Da pavimentação de ruas à organização de uma legislação, da ordenação dos partidos políticos (calçados nas correntes ideológicas existentes na Diáspora) à construção de escolas, hospitais, casas, pontes, tudo tinha de ser feito, iniciado, definido. Nestes momentos, a correlação de forças dentro das comunidades judaicas nos demais países foi decisiva para definir a estrutura jurídica e política do novo país. Influenciando de fora para dentro, as comunidades judaicas tiveram participação ativa na construção do Estado.

Neste período o sionismo cumpriu seu papel de ideologia nacional, ou seja, seu ideário produziu os vínculos que transformaram judeus em israelenses. Era fundamental gerar um processo de autorreconhecimento nos judeus que migravam para Israel para que se concebessem não mais como etnia ou grupo religioso, mas como povo regular. Fundamental para a consolidação do projeto nacional, o sionismo também foi responsável pela formulação de uma identidade nacional israelense.

Tal construção possuía uma característica importante: para o sionismo deste período, a representação do espaço ge-

ográfico de Israel tinha como referência as fronteiras delimitadas em 1947. Neste sentido, o ano de 1956 (da Guerra do Sinai), e, principalmente, o de 1967 (da Guerra dos Seis Dias) foram divisores de águas, tanto para a existência do Estado de Israel quanto para o papel do sionismo como ideologia nacional judaica.

A Guerra dos Seis Dias e a consequente expansão das fronteiras israelenses para além das linhas delimitadas pela ONU em 1947 refletiram profundamente na maneira como se reagruparam as forças políticas do país a partir de 1967. Administrar os territórios anexados e uma enorme população de refugiados exigiu esforços econômicos e militares que mudaram as prioridades e absorveram recursos antes destinados ao desenvolvimento das forças produtivas. Tais exigências criaram espaço para o crescimento dos campos políticos identificados com o discurso nacionalista exacerbado, grupos que insistiam em se autodenominar sionistas, mas transformaram o pensamento sionista em projeto expansionista e promotor de exclusão política e social. Assim, o sionismo, que antes se apresentava como ideologia nacional, passou a constituir a base sobre a qual foi promovida a expansão territorial e a afirmação do povo judeu em detrimento de outros povos. E, ao perder sua característica de promotor da unidade política do povo judeu, este novo sionismo nem de longe lembrava os atributos iniciais daquele ideário.

Com suas instituições políticas consolidadas e uma sociedade de classes estruturada, o Estado de Israel já vivia, ao final dos anos 1960, o desmantelamento do *welfare state* e a redução da presença do Estado na economia, como em todo o mundo capitalista. Mas a guerra e a ocupação traçaram novo perfil para a sociedade israelense. Os palestinos vieram a ocupar a base da força de trabalho, exercendo funções que exigiam menor qualificação, o que preenchia uma importante demanda da economia israelense.

Nas décadas seguintes, os episódios de conflito, porém, não cessaram. A maior consequência, do ponto de vista da sociedade israelense, foi o aumento do grau de

incerteza quanto à segurança dentro das fronteiras. Naquela conjuntura de crescente sentimento de insegurança, o governo passou a contar com a aprovação da sociedade para impor medidas que restringiam cada vez mais o ingresso de palestinos em território israelense. Para os palestinos – substituídos por coreanos, chineses, tailandeses etc. – no mercado de trabalho israelense, a situação aprofundou a falta de alternativas de trabalho e sobrevivência, uma vez que a economia dos territórios ocupados não gera demanda por mão de obra. Tal fato serviu para multiplicar os protestos contra as medidas do governo israelense e os ataques à população de Israel. Mas, por parte dos grupos israelenses que consolidavam sua hegemonia, herdeiros

As comunidades judaicas da Diáspora se encontram desprovidas de autonomia.

do sionismo conservador, a solução para o conflito passará pela eliminação da população palestina, uma maneira de encarar o oponente bastante similar à dos grupos radicais islâmicos.

Desta forma, não só o Estado de Israel, mas também o ideário sionista – este entendido como nacionalismo judaico –, têm sido apropriados pelos que apostam na perpetuação do conflito. Já não é somente a comunidade internacional quem promove este amálgama, mas sim a própria sociedade israelense e também as comunidades judaicas de todo o mundo. Assim, assistimos à transfiguração do sionismo: de um conjunto de ideias e práticas de afirmação da nacionalidade judaica para um projeto de consolidação de políticas expansionistas e exclusivistas.

Do ponto de vista das comunidades judaicas da Diáspora, a situação também é preocupante: seu contato tem sido sempre direto e somente com o governo israelense. Esta relação desigual cria condições para que as políticas governamentais sejam impostas às direções das instituições

judaicas fora de Israel, tornando-as meras defensoras destas políticas, retransmissoras das palavras e das orientações “oficiais”. Sem estabelecer relações com as instituições da sociedade civil israelense – o que proporcionaria um equilíbrio no diálogo –, as comunidades judaicas da Diáspora encontram-se desprovidas de autonomia, refletindo apenas as posições defendidas pelos campos políticos hegemônicos em Israel.

Algum peso elas poderiam ter, entretanto, em repensar e refletir o retorno a um sionismo humanista, garantia única de sobrevivência do Estado de Israel. Enquanto resgate do verdadeiro ideário sionista, isso passa, necessariamente, pela proposta de uma paz negociada, justa e duradoura no Oriente Médio. ■

Esther Kuperman, historiadora, doutora em Ciências Sociais, membro da representação do Meretz Brasil e coordenadora dos Amigos Brasileiros do Paz Agora no RJ, é diretora da ASA e colaboradora deste Boletim.

** A íntegra deste texto foi apresentada no Encontro Mundial do Partido Meretz, ocorrido em Jerusalém nos dias 13 e 14 de junho. Condensado por Renato Mayer.*

ber
vel

Bervel
empreendimentos

Administração de condomínios
Locação de imóveis
Assessoria imobiliária

Centro: 2212-6100
Fax: 2212-6101
Barra: 3321-5871 / 3325-4241
Fax: 3325-1555

www.bervel.com.br • bervel@bervel.com.br

Os cafés de Viena

Henrique Veltman / Especial para ASA

Quando a gente lê os livros de Elias Canetti, surgem os cafés de Viena, locais preferidos dos artistas, escritores e políticos de esquerda, geralmente comunistas.

No princípio do século passado, Viena era a capital do Império Austro-Húngaro, com uma vida cultural intensa, em alguns casos superior à de Paris e Berlim. A cidade era animada por um time de intelectuais e artistas, em sua maioria, judeus. Os cafés reuniam jornalistas, poetas, romancistas, pintores e arquitetos famosos, muitas vezes acompanhados de mulheres, bonitas ou inteligentes (às vezes, bonitas e inteligentes). A esse público juntavam-se também médicos e psicanalistas, políticos social-democratas e revolucionários bolcheviques, mas também grupos de antissemitas, futuros nazistas.

Por exemplo, o Café Central, situado no rés do chão do palácio Ferstel, na Herrengasse, fundado em 1876, encerrado em 1943 e reaberto, novamente, em 1982. Eis aqui os nomes de alguns dos frequentadores mais famosos do Café Central, da sua época dourada, anos 1900, até o advento do nazismo:

Viktor Adler (1852-1918), cofundador do partido social-democrata austríaco. Social-chauvinista durante a Primeira Guerra Mundial, não se entendeu bem

com Trotsky, que conheceu e ajudara em 1907. Era pai do Friedrich Adler, que divergiu politicamente dele.

Friedrich Adler (1879-1960), político social-democrata e revolucionário austríaco, filho de Viktor Adler. Foi opositor da política de guerra e, em 1916, matou o primeiro-ministro da monarquia Austro-Húngara, conde Karl von Stürgkh. Mas cumpriu apenas um ano de prisão, graças ao término da guerra.

Otto Bauer (1881-1938), político social-democrata, uma das figuras de proa do marxismo austríaco. Depois de participar em governos dos socialistas cristãos, Bauer chefiou a resistência ao fascismo de Dollfuss e partiu para o exílio em Paris, em 1934, ali morrendo meses depois do Anschluss.

Lev Davidovitch Bronstein, o Trotsky, viveu em Viena de 1907 até 1917. Era cliente fixo do Café Central, onde habitualmente jogava xadrez. Discutia ali política com os socialistas austríacos, mas viria a ter má opinião deles, por não serem revolucionários. Em outubro de 1917, o presidente do governo austríaco, conde Heinrich Clam-Martinić, anunciou aos seus pares a eclosão da revolução bolchevique na Rússia, acrescentando que “o seu instigador foi, ao que parece, o senhor Bronstein do Café Central”.

Alfred Adler (1870-1937), médico, psiquiatra, psicanalista. Rompeu em 1911 com Freud, com quem em 1902 havia fundado a Sociedade Psicanalítica de Viena. Alfred Adler fumava o seu charuto no Central, mas Freud preferia o Café Landtmann.

Sigmund Freud frequentava às vezes o Café Central. Poderíamos imaginá-lo sentado a uma mesa de canto com a sua discípula, amiga e admiradora Lou Andreas-Salomé.

Theodor Herzl (1860-1904), natural de Budapeste, viveu em Viena. Foi o fundador do moderno sionismo político. Foi sucedido na liderança do movimento pelo húngaro Max Nordau.

Peter Altenberg (1859-1919), boêmio e escritor judeu, está imortalizado em uma estátua de *papier-mâché* no próprio Café Central, sentado a uma mesinha, perto da porta de entrada. Figura não convencional e extravagante, usava sandálias, vivia em hotéis, era senhor de uma gigantesca coleção de postais ilustrados (mais de 10 mil) e era tido por pedófilo. Recebia o seu correio pessoal no Café Central, mas também frequentava o Café Museum e o Café Landtmann. ■

Henrique Veltman, carioca, 74 anos, casado, jornalista, sociólogo e torcedor do América, é colaborador do Boletim ASA.

.COM

Roupa nova, problema velho

Fany Sechter Ruah / Especial para ASA

O antissemitismo na Europa surge hoje em uma nova forma: o antissionismo. Com algumas características semelhantes ao original, o antissionismo é rotulado pela imprensa de “novo antissemitismo”. É mais do que odiar ou estar contra os judeus, é estar contra o Estado de Israel e contra sua existência.

Para entender as origens históricas do problema na Europa comece pelo site da **Wikipedia**, onde há, em inglês, um pequeno resumo do antissemitismo em cada país do continente em http://en.wikipedia.org/wiki/Antisemitism_in_Europe. Se achou pouca informação, vá a **JEWISH VIRTUAL LIBRARY**, <http://www.jewishvirtual-library.org/jsources/antsem.html>, que tem muitos links para artigos. Continue, então, na **Wikipedia**, na página sobre o “novo” antissemitismo em http://en.wikipedia.org/wiki/New_antisemitism.

BBC - Viewpoints: Anti-Semitism and Europe <http://news.bbc.co.uk/2/hi/europe/3234264.stm>. A BBC convidou 12 personalidades para fazerem reflexões sobre

os temas: **Is anti-semitism really increasing? Is hostility towards Israeli policy in the Middle East becoming anti-Jewish?** É de 2003, mas a atualidade continua.

O site do **Institute for Global Jewish Affairs**, www.jcpa.org, vai fundo na questão. Clique no primeiro link à esquerda, **Post-Holocaust and Anti-Semitism**, ou direto em <http://www.jcpa.org/JCPA/indexph.asp>. Há dezenas de artigos muito complexos, em inglês, de 2004 até hoje.

Para saber a situação atual do problema pelo mundo e o que se vem fazendo para resolvê-lo, o site da **ADL - Anti Defamation League** é a leitura indicada. Pode ir direto a este link, http://www.adl.org/main_Anti_Semitism_International/Default.htm, que chega na página de **Anti-Semitism International**, ou na **home page** clique no link **Anti-Semitism** à esquerda para mais opções. Também há o site do **CFCA - Coordination Forum for Countering Antisemitism**, <http://www.antisemitism.org/il/>, fórum

quase jornalístico que monitora e apresenta atividades antissemitas pelo mundo.

Três leituras obrigatórias: primeiro, vá ao site da CBN News em <http://www.cbn.com/cbnnews/333648.aspx>, e leia. Depois, no site da jornalista e escritora Pilar Rahola, <http://www.pillarrahola.com>, entre em qualquer idioma porque lá dentro tem a opção de português. Vá em **Artículos** ou **Articles** nas etiquetas de cima, e depois há opções para assuntos. Basta clicar na bandeirinha de Portugal para ler em português. Imperdível pela clareza e realismo. Visite também outro jornalista fantástico: **Joseph Farah**, http://www.wnd.com/news/archives.asp?AUTHOR_ID=134. Ele tem origem árabe, mas vê o problema sob uma ótica política e moderna, sem interferência de religião. Sugestão de leitura: **A primer on Islamo-fascism**. ■

Fany Sechter Ruah, radialista e profissional de Marketing, é Webmaster do site FanyZINE - www.fanyzine.com e colaboradora deste Boletim.

O beijo da esperança

Renato Mayer / Especial para ASA

O mais que sexagenário beijo da esperança. Este deveria ser o título, hoje, da histórica foto de Alfred Eisenstaedt (1898-1995), feita em 14 de agosto de 1945, na Times Square de Nova York, próximo à Rua 45. Celebrava-se o fim da guerra no Pacífico e este fotógrafo da revista *Life*, um judeu alemão naturalizado que migrara para os Estados Unidos dez anos antes, tinha razões de sobra para contentamento. Ferido em 1917, em Flandres, o resto do seu batalhão fora dizimado por uma ofensiva britânica. Por entender o horror das guerras, Eisenstaedt escolheu encerrar esta com um beijo.

E os personagens, a enfermeira, o marinheiro, quem seriam? Anônimos, nem mesmo se conheciam naquela eufórica manhã em que o presidente Truman anunciou oficialmente a vitória sobre o Japão. Nos anos que se seguiram, vários pretenderam o papel. Do lado feminino, Edith Shain, recém-falecida com a idade de 91, escreveu a Eisenstaedt no final dos anos 1970, e a *Life* deu-lhe praticamente o crédito, passando a procurar o parceiro. Este apareceu somente em 1995, na forma do então policial aposentado da Flórida Carl Muscarello. A rede de televisão norte-americana CBS promoveu o encontro, por ocasião dos 50 anos do final do conflito, e os dois repetiram a cena do beijo, reproduzida nos jornais da época.

Edith o reconheceu por perguntar aos pretendentes se recordavam como tinha sido o beijo e o que havia sido dito depois dele. Alguns disseram que a convidaram para sair ou pediram seu telefone. Muscarello passou no teste: na ocasião, deu um daqueles longos, cinematográficos, não disse uma palavra e mergulhou de



Reprodução

"Naquele dia estava muito contente e beijei muitas mulheres."

novo na multidão. "Naquele dia estava muito contente e beijei muitas mulheres", declarou. Essa versão bate, aliás, com a de Eisenstaedt, que havia visto o marinheiro a beijar todas as que encontrava diante de si. Correndo à frente dele com sua Leica, o fotógrafo finalmente obteve, em poucos segundos e em uma sequência de quatro fotos, a adequada composição e o contraste de preto e branco. Imagem esperançosa de novos tempos, deu capa na *Life*.

Ele, porém, não foi o único a fazer a foto. Curiosamente, um outro fotógrafo, este da Marinha, Victor Jorgensen, retratou a mesma cena. O resultado, mais acinzentado e com menos contraste,

não é tão bom e caiu em domínio público, desprotegido de direitos autorais, por ter sido produzido por um funcionário do governo a serviço. Mas saiu publicado no *The New York Times* no dia seguinte.

Neste mesmo jornal, Edith reacendeu a questão, ao contar, em 2005, que não podia ter certeza de que era Muscarello o marinheiro beijador: "Simplesmente, não sei dizer." Fosse ele ou outro, havia combatido por ela, não lhe recusaria o beijo.

Eisenstaedt prosseguiu em sua carreira de sucesso: fotografou Hemingway, Churchill, Marilyn Monroe. Em seus tempos de Alemanha (nasceu em Dirschau, na Prússia, uma cidade que agora fica na Polônia), havia fotografado Marlene Dietrich, mas a ascensão do nazismo lhe prometia o mais sombrio futuro. "A velha Europa era bela", dizia. "Havia gente interessada em arte e música. Então, esse pessoal horrível tomou o poder."

Um fotógrafo incomparável, dotado de senso poético e temperamento agradável, assim o tinham em conta os seus colegas. Seguiu uma norma, a qual talvez o tenha ajudado a alcançar a idade quase centenária: "Não force as pessoas. É mais importante clicar com elas do que com a câmera."

Esta é uma foto que não merece envelhecer. Ficou como um legado de que o amor é o verdadeiro elo que une os homens. No entanto, no mesmíssimo local, neste cenário conhecido como "a esquina do mundo", tão iluminado que se pode vê-lo das maiores alturas, hoje se largam carros-bomba... À Humanidade ainda fazem muita falta os beijos. ■

Renato Mayer, economista, é colaborador deste Boletim.

A ameaça da extrema-direita

Heliete Vaitsman / Especial para ASA

Os judeus da Hungria e da Áustria devem temer por seu futuro? Ou as manifestações recentes de xenofobia e antissemitismo são pontuais e tudo indica que assim permanecerão? A questão vem sendo debatida por lideranças judaicas europeias e estimula os israelenses, a exemplo de um editorialista do *Jerusalem Post* de 27 de abril último, a conclamar os judeus dos dois países a emigrar sem perda de tempo para Israel. (há aproximadamente 50 mil judeus na Hungria e 10 mil na Áustria).

Nessa conclamação à emigração, os fantasmas do passado são tão visíveis que quase se pode tocá-los. Ainda que nosso imaginário coletivo se deleite com o legado cultural do império austro-húngaro, e, na sequência, da liberal *Mitteleuropa*, há também amargura nas frestas da memória: foi entre Viena e Budapeste que os judeus, desfrutando de liberdade individual e acesso à educação (mesmo sem poder político), durante meio século formularam utopias, inclusive a sionista, e criaram obras essenciais da literatura, da música, da filosofia – até que o universo conhecido ruíu...

Há sete décadas, a “bela e pacífica paisagem” – expressão de Stefan Zweig em *O mundo de ontem*, ao evocar a vista de seu terraço em Salzburgo –, estava prestes a ser pisoteada pelas armas nazistas. Hoje, o discurso da extrema-direita ultranacionalista acontece num continente pacificado, com regimes democráticos sólidos, sem golpes militares à vista. Mas os estereótipos, inclusive os do antissemitismo, se repetem, e uma eventual deterioração da situação econômica pode operar mudanças.

Numa pesquisa feita pela Anti-Defamation League em janeiro de 2009 em sete países (Áustria, Hungria, França, Polônia, Alemanha, Espanha e Reino Unido), os húngaros aparecem como os que mais acreditam (67%, contra 40% da média geral) que os judeus detêm

poder excessivo no mundo dos negócios e das finanças. Indagados se acham que “os judeus ainda falam muito sobre o que aconteceu a eles no Holocausto”, 55% dos entrevistados austríacos e 56% dos húngaros responderam “provavelmente sim” (contra 33% dos franceses e 20% dos ingleses). Entre os húngaros, 40% afirmaram que “os judeus são mais leais a Israel que à Hungria”.

Em abril, pela primeira vez desde a ascensão do nazismo, o partido de extrema-direita Jobbik (Movimento para uma Hungria Melhor), que acusa judeus e ciganos (500 mil no país) de atentarem contra o “orgulho nacional”, conseguiu votos suficientes para obter 47 das 386 cadeiras do Parlamento, tornando-se a terceira força política da Hungria (o Partido Socialista, desgastado por acusações de corrupção

O Jobbik, terceira força política da Hungria, acusa judeus e ciganos de atentarem contra o “orgulho nacional”.

após oito anos no poder, caiu de 190 para 59 cadeiras e perdeu o poder para a centro-direita). Um quarto dos eleitores entre 18 e 29 anos, segmento preocupado com o desemprego, votou no Jobbik, tanto em cidades mais empobrecidas quanto em universidades conceituadas.

O partido tem uma milícia paramilitar que promove desfiles pelas ruas, embora seja oficialmente proibido de fazê-lo. Sua liderança defende a pena de morte, a recuperação de terras que fariam parte de uma Grande Hungria espoliada e o país fora da União Europeia. Retórica *déjà vu*, mas com roupagem contemporânea e atraente, tal como se observa no site (em cinco idiomas) <http://www.jobbik.com>. A linguagem

mais rude aparece em meios menores, como um boletim de um sindicato de policiais simpatizante do Jobbik, que informou, antes das eleições: “Devido à nossa atual situação, o antissemitismo é não só nosso direito, mas um dever de todos os húngaros que amam sua pátria, e devemos estar preparados para uma batalha armada contra os judeus.”

Na Áustria, ao contrário da Hungria, não se proclama que nazismo e stalinismo foram equivalentes. O que se faz é insistir que a Áustria foi invadida por Hitler e distinguir nazismo de antissemitismo; num site turístico, por exemplo, o articulista diz que o antissemitismo pós-Primeira Guerra foi o “resultado lógico” da recusa dos judeus a se integrarem, apesar de sua ótima situação financeira...

A candidata à presidência do Partido da Liberdade (antiestrangeiro e anti-União Europeia), Barbara Rosenkranz, obteve 15% dos votos, segundo lugar, nas eleições presidenciais de 25 de abril. Percentual distante do vencedor, o social-democrata Heinz Fischer, mas preocupante, porque a visibilidade dela na mídia ajudará a promover políticos de extrema-direita, como o candidato à prefeitura de Viena.

Barbara é mãe de dez filhos, e seu marido foi membro do hoje banido partido neo-nazista NPD. Na campanha, criticou a legislação antinazista e foi evasiva ao ser perguntada sobre a existência de campos de concentração. Conforme uma lei austríaca de 1947, qualquer pessoa que tente propagar a ideologia nazista ou negue os crimes nazistas pode ser condenada a até 20 anos de prisão. Ao qualificar a lei de “restrição desnecessária” à liberdade de expressão, a supermãe provocou repúdio generalizado, inclusive da Igreja. Para os austríacos, nazismo nunca mais! ■

Heliete Vaitsman, jornalista, é colaboradora deste Boletim.

Cartas para **ASA**: Rua São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro/RJ - CEP 22260-001; telefax (21) 2539-7740 ou e-mail asa@asa.org.br c.c para smgruman@terra.com.br
Devem conter nome e endereço completos, telefone e assinatura. Havendo restrição de espaço, poderão ser encurtadas sem autorização dos remetentes

NOTAS

Beco

Dia 4 de maio, o jornalista e colaborador fixo deste Boletim, **Henrique Veltman**, lançou em nossa sede o livro de crônicas **Do Beco da Mãe a Santa Teresa**. É uma coletânea de histórias sobre personagens, situações e lugares, especialmente do Rio de Janeiro, que percorrem várias décadas do século 20. Parte delas já foi publicada na seção Beco da Mãe. Henrique bateu um papo com o público. O livro pode ser adquirido na secretaria da **ASA** por 30 reais.



Foto Sara M. Gruman

Henrique Veltman com Fernando Weltman (de camiseta escura), seu sobrinho e ex-colaborador deste Boletim, os colaboradores Jacques Gruman e Esther Kuperman e a ex-colaboradora Rosa Goldfarb, que antecedeu o Beco da Mãe com a sua coluna Canto da Rosa

Homenagem

A **ASA** associou-se à família de **Perola Engellaum** na homenagem a ela prestada no dia 6 de junho. Perola, que foi sócia da **ASA**, faleceu tragicamente em dezembro de 2008. Música, poesia, uma montagem de fotos

e textos e depoimentos de familiares e amigos compuseram o evento. Ao final, foi lançado o livro póstumo de Perola, que consta de **No País de Mar e Navalhas** (poesia) e **Romance sem Título**.



Foto Sara M. Gruman

Familiares, amigos e o livro de Perola Engellaum

Dez

As aulas de dança israeli, que acontecem todas as terças-feiras, completaram dez anos. A comemoração, no dia 8 de junho, foi com uma aula aberta. Comandadas no início por **Renata Bucaretsky Kac**, as aulas são hoje conduzidas por **Rafael Barreto de Castro**.



Foto Mauro Band

A turma da dança israeli em festa

No telão

Maio foi mês de cinema na **ASA**. Dia 16, inaugurando a série, exibimos o documentário **Cidadão Boilesen**, de **Chaim Litewski**, com apoio da seccional carioca da **Ordem dos Advogados do Brasil** e do **Instituto Casa Grande**. O impacto das imagens foi tão forte que, terminada a sessão, o público (foto) não arredou pé. Queria conversar sobre o que acabara de assistir. O advogado **Modesto da Silveira** improvisou, então, um debate, que durou uma hora e meia. Dia 23, foi a vez de **Clips**. A emoção emergiu ao final, sob forma de aplausos. Encerrando o pequeno ciclo, mostramos, dia 30, **Deus no tribunal**. Repetiu-se a cena do primeiro dia. O público permaneceu sentado mesmo depois de acabado o filme, imobilizado pelas questões levantadas pela história.



Foto Sara M. Gruman

Parte do público de Cidadão Boilesen

Noventa

Luiz Mendel Goldberg é o sócio número um da **ASA**. Foi presidente e diretor da entidade várias vezes, além de colaborador e ativista incansável durante décadas. No dia 20 de junho, Luiz completou 90 anos. Nossas congratulações a ele, membro destacado de uma geração que não economizou esforços para construir o judaísmo progressista no Brasil.



Foto Jacques Gruman

Horácio Itkis Schechter

Ainda chocados, familiares, amigos do Rio e de São Paulo e companheiros da **ASA** e da Kinderland homenagearam, no dia 23 de junho, a memória de **Horácio Itkis Schechter**. Diretor e ex-presidente da **ASA**, diretor, ex-colonista e ex-monitor da Kinderland, Horácio faleceu subitamente em maio, aos 73 anos. Os presidentes da **ASA**, **Mauro Band**, e da Kinderland, **Luciana Nasajon**, fizeram breves intervenções, e **Zilda Schechter** apresentou uma sequência de fotos do irmão, dos primeiros meses até pouco tempo atrás, com a família, com amigos de infância e juventude, e em atividades profissionais e institucionais. A filha **Marina** e os amigos **Max Altman**, **Rolande Fishberg** (representando a ADADF - Associação David Frishman, de Niterói) e **Carlos Acselrad** falaram de momentos inesquecíveis vividos ao lado de Horácio. O **Coral da ASA** interpretou *Canção da América*, em português, e *Vaisse blumen*, em ídich. Ao ato, que transbordou emoção e solidariedade, seguiu-se um lanche oferecido pela viúva, **Claudete H. Zambon**, num gesto que lembrasse um dos maiores prazeres do Horácio.

Fotos Sara M. Gruman



1. Marina Schechter lê ao lado de Zilda Schechter; 2. Max Altman; 3. Rolande Fishberg; 4. Zilda Schechter e Claudete Zambon descobrem o retrato que ficará exposto na galeria dos ex-presidentes da ASA; 5. Carlos Acselrad; 6. Mauro Band e Luciana Nasajon; 7. Coral da ASA

Cantando

Aquecendo as vozes para o **15º Encontro Coral da ASA** (ver programação na capa), em julho, o **Coral da ASA** apresentou-se no **5º Encontro de Corais Judaicos da Hebraica** (16 de maio) e no **17º aniversário do coral Tijucanto**, no Tijuca Tênis Clube (26 de maio).



ORIENTAÇÃO PARA A ECT

Endereço para devolução deste impresso: R. São Clemente, 155, fundos - Botafogo - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22260-001